

dentismo simbolista ainda em voga, e um teor de mundanismo que marcava as criações pela superficialidade. Não se compreendia, evidentemente, que a alienação, que era o traço dominante nessa literatura artificial, correspondia, no fim de contas, às condições materiais do país, e encontrava perfeita consonância na atividade política, limitada ao estreito círculo da “elite”. Começava a surgir, no Rio, o antagonismo entre a “cidade” e o “subúrbio”; “o chique era mesmo ignorar o Brasil e delirar por Paris, numa atitude afetada e nem sempre inteligente”, dirá mais tarde um crítico⁽²¹⁶⁾. Uma revista combatia o nosso “meridionalismo exagerado”; para outra, o *five o'clock tea* era o “pretexto, a intenção benevolente para a elegância de reuniões de escol, da delícia da palestra sussurrada, em *tête-à-tête*, numa sala aromada de hortênsia, iluminada a eletricidade, cheia de mulheres lindas”. Em S. Paulo, José de Freitas Vale, na Vila Kyrial, procurava imitar as rodas parisienses, escrevia versos em francês, sob o pseudônimo de *Jacques d'Avray*, chamado por uns de *Prince Royal du Symbole*, por outros de *Freitas Vale, o Magnífico*; era um mecenas extemporâneo que, entretanto, e talvez coerentemente, patrocinaria, em 1913, a primeira exposição cubista de Lasar Segall, apoiando depois os modernistas. Escritores que começavam a ganhar prestígio eram, no Rio, Benjamim Costallat, que reuniria suas críticas teatrais no volume *Da Letra F*, Nº 2, e Théo Filho, exemplares típicos da fusão entre literatura e mundanismo. Esse ambiente falso foi retratado, de ângulos opostos, por Lima Barreto, no *Isaías Caminha*, e por Afrânio Peixoto, em *A Esfinge*. Está espelhado, também, e com fidelidade, nas revistas ilustradas da época, não nas efêmeras, embora também nelas, mas nas que conseguiram atravessar os anos e alcançar apreciável público.

Do ponto de vista da técnica, as revistas ilustradas assinalam o início da fase da fotografia, libertada a ilustração das limitações da litografia e da xilogravura. Começara, em 1896, com a *Gazeta de Notícias*, quando do lançamento dos *portrait-charges* de políticos, escritores, atores, personalidades enfim, na série “Caricaturas Instantâneas”, com desenhos de Julião Machado e textos de Lúcio de Mendonça; prosseguira, em 1898, quando o *Jornal do Brasil* trouxera Celso Hermínio para ilustrar suas páginas; O País e o *Correio da Manhã* acompanharam logo a inovação; em julho de 1907, na fase da fotografia já, a *Gazeta de Notícias* iniciara a publicação de clichês em cores, em papel acetinado, com máquina rotativa, publicando, aos domingos, *charges* em tricromia, com a ajuda de artistas estrangeiros, Apolo Pauny, pintor, e Júlio Raison, litógrafo, culminando, em 1912, com

(216) Brito Broca: *A Vida Literária no Brasil. 1900*. Rio, 1956, pág. 92.